

# Garapa

Bruno Mello Castanho

mellocastanho@yahoo.com.br

*Garapa* (2009, Brasil, 110')

Distribuição: Downtown Filmes

Direção: José Padilha

Assistente de direção: Alexandre Lima

Roteiro: José Padilha e Felipe Lacerda

Produção: José Padilha e Marcos Prado

Co-produção: Zazen Produções, Estúdios Mega, Instituto da Criança

Som: Yan Saldanha

Fotografia: Marcela Bourseau

Edição: Felipe Lacerda

**G**arapa, teve sua estréia internacional no Festival de Berlim de 2009, na mostra “Panorama”, com sala lotada. Na capital alemã, o público recebeu o filme em silêncio profundo e isso não foi diferente nas salas brasileiras pelas quais o filme passou. O documentário mostra o cotidiano de três famílias cearenses – duas delas do sertão e uma da periferia de Fortaleza -, vítimas da fome e que vivem numa situação de miséria difícil de ser imaginada.

Essa recepção emudecida reflete, talvez, o modo como José Padilha compõe a sua visão documental, impedindo que o espectador tenha qualquer margem para imaginar algo, pois não há, num primeiro momento, qualquer tipo de intelectualização. Por isso, o diretor optou por retirar tudo o que não fosse essencial a essa maneira de filmar. A fotografia é em preto e branco, bastante granulada, obtida com um câmera super 16mm, muitas vezes, utilizada na mão. Além disso, o som é direto, não há música nem efeitos digitais.

Todo essa aridez visual força o espectador a ter uma experiência imersiva de contato com esses seres humanos e remete ao Cinema Novo brasileiro, principalmente, ao *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos

Santos, que também tem semelhanças temáticas com *Garapa*. Além de contribuir para uma questão estética do filme, a ausência de cores parece ter sido uma opção narrativa de Padilha, na medida em que não há cor possível, num ambiente tão miserável e sombrio. Da mesma forma, não há como musicar as situações mostradas.

O título *Garapa* se refere à mistura de água e açúcar que as mães dão aos filhos, em substituição ao leite e outros alimentos para mascarar a fome e dar energia durante o dia. Não há comida, mas também não há higiene, não há saúde e não há condições para uma vida digna. O filme se resume a brutalidade dos fatos e são eles que denunciam a miséria social dessas famílias. A aproximação se dá no âmbito emocional e o espectador compartilha a sensação terrível de sentir fome. *Garapa* não é um filme leve ou agradável e, igualmente, viver as situações mostradas passa ao longe de ser agradável.

Apesar de não ser nenhuma novidade o que está colocado na tela, mostrar de maneira enfática e atirar a pobreza na cara das pessoas representa, talvez, uma revolta de Padilha com a atitude de distanciamento que mantemos em relação a esses problemas. O documentário nos força a abandonar a inércia filosófica e sentir quase que fisicamente a intensidade dessa indignação. Assim, a câmera de Padilha chega a ser cruel ao mostrar detalhes que impedem qualquer tipo de glamourização da miséria.

É impressionante também como as três famílias aceitam viver normalmente na presença da câmera. Claro que há encenações, como em qualquer outra filmagem com proposta documental, mas os personagens de *Garapa* sentem-se à vontade para serem observados e até brigam entre si, em determinado momento do filme. Assim como o Sandro, de *Ônibus 174* (primeiro documentário de José Padilha), essas pessoas encaram as câmeras, talvez, como uma possibilidade de abandonarem a invisibilidade, com a qual sempre conviveram, nem que seja por apenas algumas horas.

Indo ao encontro da proposta do filme, José Padilha faz algumas intervenções pouco elaboradas, mas eficazes ao questionar a obviedade de alguns fatos como, por exemplo, a insistência dessas famílias em terem filhos, sendo que o aumento da prole é diretamente proporcional ao aumento das dificuldades de vida. Em outra situação, o diretor revela que influenciou diretamente à realidade filmada ao dar um analgésico a

determinado garoto que sofria com dores nos dentes e, em seguida, vem uma tentativa do diretor de explicar ao pai do menino que a dor melhorava com o remédio, mas o problema dentário continuava.

São essas interferências que denunciam que a miséria não é somente social, mas também intelectual, pois não há como existir um discernimento mental correto em condições tão adversas de sobrevivência. As poucas alternativas que essas pessoas têm para combater a pobreza – os programas governamentais como, por exemplo, o “Fome Zero”, que apenas uma das três famílias recebe – são vistas como dádivas por aqueles que as usufruem. Porém, além de não se estenderem a todos que necessitam, funcionam exatamente como o analgésico que Padilha se esforça para explicar: melhoram os sintomas, mas não curam. Uma metáfora simples, mas que tem força e, talvez, explique a clara intervenção do diretor.

Enfim, *Garapa* não propõe soluções, mas demonstra, da maneira mais simples possível, o quão urgente algo precisa ser feito. Em tempos de Big Brother, Padilha faz o seu próprio “reality show”, este sim fiel à realidade, pois, em *Garapa*, ninguém pode, por exemplo, pular amarelinha ou participar de gincanas para ganhar a sua comida. Simplesmente não há alimento. Que bom seria se esse “reality show” tivesse tanto público como o Big Brother ou se *Garapa* fosse tão discutido e tão assistido como *Tropa de Elite*, do mesmo José Padilha. Infelizmente, *Garapa* deve estreiar em poucas salas e cidades - na maioria, apenas no circuito alternativo.